

A CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO CARICATURA: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL¹

Alex Caldas Simões

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV – bolsista CAPES/REUNI)

axbr1@yahoo.com.br

RESUMO:

O ensino de língua materna tem se direcionado, já há algum tempo, para o ensino do texto em sala de aula, materializado em algum gênero do discurso. Diante deste indicativo didático-pedagógico, pesquisadores do campo da linguagem têm configurado gêneros discursivos com o intuito de aprofundar e de instrumentalizar tal objeto no ensino de línguas. Pautados nessa inquietação científica, apresentaremos em nossa exposição a configuração do gênero discursivo caricatura. Como aporte teórico-metodológico, utilizaremos as postulações da Linguística Sistêmico-Funcional desenvolvidas por Hasan (1989) em um *corpus* textual composto por 20 caricaturas de Mário Mendez publicadas no livro *Caricaturas e caricaturados* (1986). A partir de nossa exposição – inscrita em um contexto de situação específico composto por campo (descrição imagética subjetiva de uma personalidade), relação (caricaturista X leitores) e modo (escrito/multimodal) – foi possível verificar que a caricatura enquanto gênero discursivo apresenta: (a) *como estágios obrigatórios*, a nomeação do caricaturado, assinatura autoral e personalidade; (b) *como estágios opcionais*, a cartunização da nomeação, frase-comentário, dedicatória, requadro, cenário e cor; e (c) *inexistência de estágios recursivos*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Estrutura Potencial do gênero (EPG). Caricatura. Configuração.

ABSTRACT:

The mother tongue teaching has been directed, for some time, to teach the text in the classroom, materialized in some kind of discourse. Given this indication didactic and pedagogical researchers in the field of language genres are configured in order to deepen and equip such object in language teaching. Lined in this scientific concern, in our present configuration of exposure to caricature genre. As theoretical and methodological, we use the postulations of Systemic Functional Linguistics developed by Hasan (1989) in a corpus consisting of 20 caricature published by Mario Mendez in the “Caricaturist and caricatured” book (1986). From our exposure – entered in a specific context of situation consists of field (imagery subjective description of a personality), tenor (caricaturist and readers) and mode (written/multimodal) – we observed that while the caricature genre shows: (a) *as obligatory stages*, the appointment of caricatured, authorial signature and personality, (b) *as optional*

¹ Esta pesquisa corresponde a um dos núcleos de discussão de minha dissertação de mestrado intitulada “A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura”, defendida em dezembro de 2010 na Universidade Federal de Viçosa (UFV), sob orientação da professora Pós-Doutora em Estudos da Linguagem e Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Maria Carmen Aires Gomes.

stages, the cartunização appointment, sentence-review, dedication, requadro, scenery and color, and (c) absence of *recursive stages*.

KEYWORDS: Systemic Functional Linguistics (SFL), Generic Structure Potential (GSP). Caricature. Configuration.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisar e problematizar o campo teórico dos gêneros discursivos é hoje um assunto bastante recorrente nas pesquisas acadêmicas da área da linguagem. Os gêneros já estiveram presentes: (a) nos estudos da Retórica Aristotélica, por meio dos gêneros epidítico, judiciário e deliberativo; (b) na Literatura, por meio dos gêneros épico, lírico e dramático; (c) na Lingüística Textual, em proposições sobre leitura e produção de textos; (d) na Lingüística Aplicada, principalmente a partir das orientações pedagógicas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (1998), que orientam o ensino de língua materna para o trato com os gêneros discursivos em sala de aula; e (e) em algumas proposições, consideradas ainda recentes, da Análise do Discurso (Cf. CHARAUDEAU, 2004).

Por muito tempo uma das problemáticas centrais dos gêneros se circunscrevia na problematização da dicotomia “gênero textual” *versus* “gênero discursivo”, que há muito tempo já foi superada². Atualmente outras questões de pesquisa vieram à discussão acadêmica, como a configuração de gêneros, tema de nossa pesquisa. Acreditamos que configurar gêneros é uma tarefa essencial para o entendimento e aprofundamento da noção de gênero em sala de aula. Entender as especificidades do gênero por meio de sua configuração parece ser uma atividade *sine qua non* para instrumentalização desse objeto no ensino de línguas. Entretanto pesquisas destinadas a configuração de gêneros ainda são escassas.

Motivados por essa demanda, apresentaremos em nossa exposição a configuração do gênero caricatura. Tal gênero, por utilizar a semiótica dos quadrinhos (Cf. SIMÕES, 2010)³, vem se tornando, já há algum tempo, bastante popular em sala de aula. Segundo Ramos (2009), os gêneros dos quadrinhos – e por que não os que também utilizam a semiótica dos

² Acreditamos que voltar ao debate gênero textual *versus* gênero discursivo é concorrer para uma discussão infrutífera sobre o assunto, visto que atualmente essa tensão teórica não se faz pertinente para o crescimento e a problematização das teorias lingüísticas. Por essa razão, muitos estudiosos têm considerado, assim como nós, essa questão como um ponto de discussão superado, o que, portanto, permite-nos classificar o gênero como textual e/ou discursivo, ou ainda nomear o gênero sem a sua designação textual ou discursivo, por exemplo, gênero entrevista.

³ Assim como a música e o vestuário, os quadrinhos seriam um sistema semiótico. Como sistema, os *Quadrinhos* teriam como principal característica a conjugação de palavra e imagem (desenho), que requereriam dos leitores/produtores de textos uma habilidade de interpretação conjunta entre o verbal e o visual” (SIMÕES, 2010, p. 39). Para nós a caricatura é um gênero que utiliza a semiótica dos quadrinhos. Para mais detalhes ver Simões (2010).

quadrinhos – estão nas provas de vestibular e nas indicações dos PCN. Dessa iniciativa, o que podemos notar é que muitos desses gêneros se confundem: tirinha é chamada de história em quadrinho, charge de caricatura, caricatura de cartum, entre outros.

O próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) também tem incentivado a leitura de novas formas de linguagem: “O ENEM quer saber até onde vai a capacidade para entender as várias formas de linguagem, seja um texto em português, um gráfico, uma tira de histórias em quadrinhos ou formulários científicos. Você tem de demonstrar que conhece e entende os códigos verbais e não-verbais” (INEP, 2008, *apud* VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 12).

Essas ações, portanto, tem aproximado os gêneros multimodais vinculados aos quadrinhos, seja por sua semiótica ou outro, do ensino, da sala de aula e da realidade pedagógica do professor, evidenciando a necessidade de uma alfabetização nos quadrinhos (Cf. VERGUEIRO, 2009).

A fim de configurarmos o gênero caricatura utilizaremos como referencial teórico-metodológico as postulações da Linguística Sistêmico-Funcional propostas por Hasan (1989, 2005)⁴. Como *corpus* de estudo analisaremos 20 caricaturas de Mário Mendez publicadas no livro *Caricaturas e caricaturados* (1986). Dividiremos a nossa exposição em três momentos. No primeiro momento discorreremos sobre as postulações sistêmico-funcionais de Hasan sobre gêneros do discurso; no segundo momento apresentaremos a configuração do gênero caricatura, por meio da exposição de sua Estrutura Potencial de Gênero (EPG); e, por fim, no terceiro momento realizaremos algumas considerações sobre as análises realizadas.

2. OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA SISTEMICISTA DE HASAN

Os gêneros sob a perspectiva sistemicista⁵ foram cunhados, primeiramente, por Ruqayia Hasan, a partir das postulações⁶ propostas e desenvolvidas por M. A. K. Halliday

⁴ Vale salientar que o arcabouço teórico proposto por Hasan (1989) foi originalmente proposto para análise da modalidade verbal. Apesar disso, e de forma pioneira, utilizamos em nossa pesquisa tal arcabouço como forma de instigar e fomentar a discussão da teoria proposta pela autora (1989), uma vez que acreditamos também ser possível a aplicação do referencial em certos objetos de cunho não verbal, como o gênero caricatura.

⁵ Os analistas sistêmicos de gêneros “objetivam a estruturação do texto em estágios, mas partem da análise do contexto situacional e cultural no qual o texto se insere, para estabelecer, em relação àquele contexto de interação específica, uma estrutura esquemática.” (VIAN JR, 1997, p. 64).

⁶ Hasan (2005) enfatiza que a ciência em questão procura entender como e porque a língua funciona. Dessa forma, tais estudos procuram desvendar a natureza do relacionamento entre linguagem e sociedade, ou seja, a

(1989). Hasan procura demonstrar em suas pesquisas que o contexto é um elemento importante na análise/compreensão de qualquer texto. Para Hasan (1989) “[...] texto e contexto estão intimamente relacionados, portanto nenhum dos dois conceitos pode ser enunciado sozinho”⁷ (HASAN, 1989, p. 52).

Texto, segundo Halliday e Hasan (1976, *apud* HASAN, 2005, p. 66), é definido como uma “unidade de significado” que pertence a algum registro. Dessa forma, a Lingüística Sistêmico-Funcional tem preocupação especial com o registro: “Um registro é um conceito semântico. Ele pode ser definido como uma configuração de significados que estão tipicamente associados com uma particular configuração situacional de campo, modo e relação” (HALLIDAY, 1989, p. 38). Ainda podemos dizer que o registro pode ser definido como “uma distinta variedade de linguagem definida pelo uso” (HALLIDAY et al., 1964, p. 87, *apud* HASAN, 2005, p. 57) que pode ser reconhecida por meio de regularidades nos tipos de usos da linguagem. Vale ressaltar ainda, como o faz a autora (2005, p. 59), que a identidade do registro não é definida situacionalmente, mas sim “por propriedades formais.”

Já contexto é definido como situacional ou cultural (HASAN, 1989, p. 2005). O contexto de situação, advindo das proposições de Halliday et al. (1964, p. 90, *apud* HASAN, 2005), constitui-se de três dimensões: “(a) Campo do discurso [field], que se refere ao que acontece com a linguagem em uso⁸; (b) Modo do discurso [mode], que se refere ao modo de uso da linguagem, escrito ou falado⁹; e (c) Estilo do discurso, que se refere à relação entre os participantes do discurso¹⁰, que foi chamada por Gregory (1967) de relação [tenor]” (HASAN, 2005, p. 58).

Por sua vez, o contexto de cultura, tal como usado por Hasan (1989), é resgatado dos estudos desenvolvidos por Malinowski e é compreendido como uma instância contextual abstrata que permite a realização do contexto de situação, uma vez que todo contexto de situação só tem significado dentro de alguma cultura (Cf. HASAN, 1989). Para Hasan (1989, p. 99) “cultura é mais especificamente descritível como um corpo integrado do conjunto total de significados disponíveis na comunidade: o potencial semiótico”. Esse potencial, que inclui formas de fazer, formas de ser e formas de dizer, é a cultura (Cf. HASAN, 1989).

Lingüística Sistêmico-Funcional procura descobrir “*onde, porque e como* pessoas usam a linguagem e o que se sucede a esse fato” (HASAN, 2005, p. 56)

⁷ Salientamos que os trechos citados por Hasan (1989; 2005) foram traduzidos por nós.

⁸ Ou seja, “o que está acontecendo?” (VIAN JR, 2009, *online*).

⁹ Ou seja, qual “o papel da linguagem na interação, o modo (falado/escrito) pelo qual a mensagem é veiculada?” (VIAN JR; MOREIRA, 2007, p. 124).

¹⁰ Ou seja, “Quem participa do evento? Quais são os seus papéis e hierarquias?” (VIAN JR, 2009, *online*)

Dessa forma, podemos resumir a discussão sobre o contexto cultural dizendo que: “[...] [C]ultura é expressada pela totalidade do que é significativo: esse domínio de significado tem sido formado por vários sistemas semióticos – sistemas que cobrem formas de ser, dizer e fazer” (HASAN, 1989, p. 101).

Diante das noções de texto e contexto, Hasan (1989) postula ainda que, por meio das singularidades do contexto, podemos prever os elementos da estrutura¹¹ de um texto. Tendo em vista essa afirmação, a autora (1989) propõe o conceito de Configuração Contextual (ou CC): “Uma Configuração Contextual [CC] é um conjunto específico de valores que realizam campo, relação e modo” (HASAN, 1989, p. 55). Podemos então dizer que uma CC “é uma classe – um tipo – de situação” (HASAN, 1989, p. 105).

Assim por meio da estruturação de uma Configuração Contextual (CC)¹², podemos fazer previsões sobre a estrutura do texto (Cf. HASAN, 1989, p. 56):

1. “Que elementos¹³ devem ocorrer;
2. Que elementos podem ocorrer;
3. Onde esses elementos devem ocorrer;
4. Onde esses elementos podem ocorrer;
5. Com que frequência esses elementos podem ocorrer.”

Assim, de acordo com o exposto acima, Hasan afirma que “[...] nós podemos dizer que a CC pode prever a obrigatoriedade (1) e a opcionalidade (2) dos elementos estruturais de um texto, bem como sua seqüência (3 e 4) e a possibilidade de sua iteração (5)” (1989, p. 56).

Dessa forma, a partir da estruturação do texto em estágios, Hasan (1989) propõe o conceito de Estrutura Potencial do Gênero (EPG)¹⁴, que se relaciona à noção de registro, uma vez que “[q]ualquer texto é instanciado por alguma variedade de registro dentro do escopo do tipo de registro desenhado sobre a EPG” (HASAN, 2005, p. 66). Dessa forma, Hasan (2005) nos indica que depreendemos a estrutura textual em termos semânticos por meio da realização de padrões lexicogramaticais. Ou seja,

¹¹ Estrutura pode ser entendido por Hasan (1989, p. 53) como “[...] a estrutura global da forma da mensagem”.

¹² Outros analistas sistêmicos de gêneros podem equivaler este termo a Estrutura Esquemática, como Martin (Cf. VIAN JR, 1997).

¹³ Elemento aqui pode ser entendido como “uma etapa com alguma conseqüência na progressão de um texto” (HASAN, 1989, p. 56)

¹⁴ Do inglês GSP – Generic Structure Potential.

“[o]s significados realizados léxico-gramaticalmente em uma conversa casual com um colega, por exemplo, ou em um texto sobre a previsão do tempo, publicado em um manual de instruções, em uma mensagem enviada por e-mail, em uma tese, ou em qualquer outro exemplar de gênero, levam-nos a perceber que as escolhas léxico-gramaticais, quaisquer que sejam, relacionam-se ao contexto em que o texto seja produzido” (VIAN JR.; IKEDA, 2009, p. 16).

Para a Linguística Sistêmico-Funcional o gênero é parte do registro; e vale ressaltar, como o fez Silva (2004) e Alcântara (2004), que Hasan não o define em termos conceituais, apenas apresenta uma maneira de operacionalizá-lo por meio da noção de Registro. Mesmo assim, podemos dizer: (a) nas palavras de Vian Jr (2006), que o gênero é o que “[...] os usuários fazem ao utilizar a linguagem em interações sociais específicas e como organizam suas mensagens de modo a atingir seu propósito social” (VIAN JR., 2006, p. 392), e (b) nas palavras de Gouveia (2009), que o gênero é registro mais propósito, ou seja, “toda troca comunicativa ocorre num dado contexto situacional e em função de uma certa identidade genológica, culturalmente marcada” (GOUVEIA, 2009, p. 28). De forma mais completa o autor explica que

“[o] o gênero inclui, portanto, a idéia mais geral de que os interlocutores fazem coisas por meio da linguagem e de que organizam o evento lingüístico, por forma a atingirem objetivos culturalmente apropriados. Resumindo: o gênero diz respeito ao modo como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para alcançá-las. Nesse sentido, existem tanto gêneros quantos os tipos de atividades sociais que reconhecemos na nossa cultura: biografias, tragédias, sonetos (gêneros literários), manuais, artigos de jornais, receitas de culinária (gêneros populares escritos), palestras, relatórios, ensaios, seminários, testes (gêneros educacionais), etc.” (GOUVEIA, 2009, p. 28).

É do registro, portanto, que se configura a expressão verbal da Configuração Contextual (CC) (Cf. HASAN, 1989) – a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) – que procura expressar todas as possibilidades estruturais de um texto em uma dada situação: “[...] [Uma EPG] é um poderoso dispositivo, uma vez que é permitido um grande número de possibilidades estruturais que podem ser atualizadas” (HASAN, 1989, p. 64).

Uma Estrutura Potencial do Gênero (EPG), então, é composta por estágios obrigatórios – aqueles que *devem* ocorrer –, opcionais – aqueles que *podem* ocorrer – e iterativos (também chamados de recursivos) – aqueles que *podem ocorrer com certa frequência* (Cf. HASAN, 1989). Com intuito de ilustrar a sua exposição, Hasan (1989), ao se referir à EPG, apresenta alguns sinais gráficos que auxiliam os pesquisadores na exposição de uma Estrutura Potencial do Gênero (EPG). A partir de Hasan (1989) e Eggins (1994),

apresentamos abaixo alguns sinais gráficos utilizados pela Sistemico-Funcional para expressar a Estrutura Potencial do Gênero (EPG)¹⁵:

^ = Seqüência;

* = Estágio Obrigatório, porém não ocorre sempre na mesma ordem;

() = Estágios Opcionais;

↵ = Estágios Recursivos;

↵{ } = Estágios Recursivos, na ordem fixa estabelecida entre chaves.

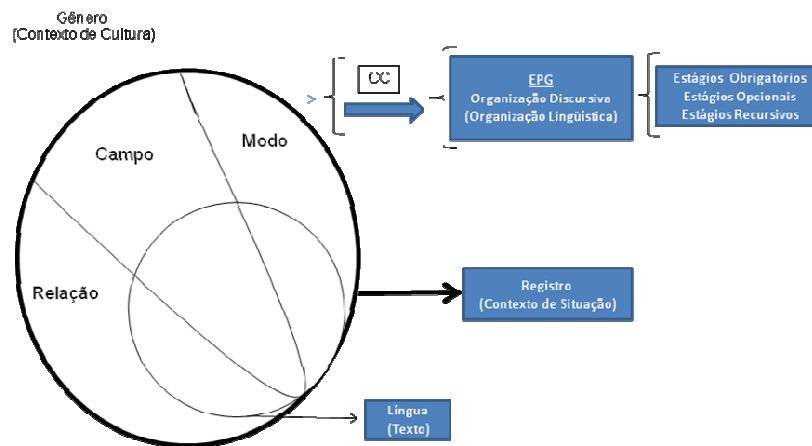
Segundo Hasan (1989), é o conjunto de estágios obrigatórios de um dado texto que definirá um gênero. A percepção do aparecimento/desaparecimento de um desses estágios obrigatórios pode corresponder à formação de um texto completo ou incompleto (Cf. HASAN, 1989). Essa classificação é realizada em termos de unidades estruturais e não em termos de textura. Sendo assim, um texto pode ser considerado completo se ele apresenta “todos os elementos obrigatórios de alguma Estrutura Potencial em particular” (HASAN, 1989, p. 109).

A partir do apresentado acima, podemos resumir nossa exposição, tomando as palavras de Hasan, dizendo que: (i) “[u]m gênero é conhecido pelos significados associados a ele” (HASAN, 1989, p. 108); (ii) “[o]s gêneros tem uma relação lógica com a CC, sendo sua expressão verbal. Se a CC é uma classe de tipos de situação, então gênero é linguagem fazendo o trabalho apropriado para aquela classe de acontecimentos sociais” (HASAN, 1989, p. 108); (iii) “[g]êneros podem variar sutilmente da mesma maneira que o contexto. Mas para o mesmo dado texto pertencer a um mesmo gênero específico, sua estrutura deve ter alguma possibilidade de realização na dada EPG” (HASAN, 1989, p. 108); (iv) “[...] os textos pertencentes ao mesmo gênero podem variar em sua estrutura, o que eles não podem variar sem conseqüências para a sua atribuição genérica são os elementos obrigatórios e sua disposição na EPG” (HASAN, 1989, p. 108).

De forma gráfica, podemos resumir a discussão contida nesta subseção pelo seguinte diagrama (Fig. 1)¹⁶:

¹⁵ Ressaltaremos em nossa pesquisa, a fim de facilitar a visualização dos estágios, assim como o fez Vian Jr. (2009), as letras maiúsculas em negrito para indicar os estágios obrigatórios; as letras maiúsculas em fonte normal para indicar os estágios opcionais; e as fontes maiúsculas em itálico para indicar os estágios recursivos.

¹⁶ Cabe salientar que a construção deste diagrama, ainda é uma tentativa de sistematização das teorias de Hasan (1989), fato ainda não registrado em suas teorizações. Diante deste fato, outras conclusões e/ou observações ainda podem ser feitas diante o exposto, fomentando, portanto, futuras pesquisas.



(Fig. 1 – A postulação sistêmico-funcional (Cf. HASAN, 1989))

Dessa forma, a partir da Figura 1, podemos compreender que o gênero (contexto de cultura) se realiza no registro (que corresponde ao contexto de situação, composto por campo, relação e modo), e, por sua vez, o registro se realiza na língua (texto); da mesma forma que a língua (texto) é instanciada pelo registro e o registro é instanciado pelo gênero. De uma configuração particular de campo relação e modo, surge uma Configuração Contextual (CC), que ao se expressar organiza uma Estrutura Potencial de Gênero (EPG), que por sua vez é constituída por estágios obrigatórios, opcionais e recursivos.

Realizadas as nossas considerações sobre as postulações teóricas de Hasan, passaremos, na seção seguinte, a configurar a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) caricatura.

3. A CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO CARICATURA: ESTRUTURA POTENCIAL DE GÊNERO (EPG)

A fim de facilitarmos a exposição da configuração do gênero caricatura dividiremos a nossa discussão em itens e subitens bastante delimitados. Começaremos com a exposição dos contextos de situação (3.1) e de cultura (3.2). Em seguida passa-se a exposição dos estágios obrigatórios, opcionais e recursivos do gênero caricatura.

3.1 – Contexto de Situação

3.1.1- Campo:

Descrição imagética subjetiva de uma personalidade, com vistas a uma retratação espaço-temporal – física e psicológica – real e não ridicularizada (similar a uma fotografia ilustrada que retrata traços da personalidade). Aqui retrata-se o máximo das características de uma personalidade – gestos, vestimentas, frases características, manias, objetos pessoais, lugares preferidos, comidas, parentes, entre outros – com uma menor quantidade de traços possível que leve o leitor a identificar imediatamente a personalidade descrita e suas principais características.

3.1.2- Relações:

- a) Autor: Caricaturista, produtor da descrição imagética subjetiva;
- b) Leitor(es): interessado(s) em descrição por meio de imagens.

3.1.3- Modo:

Linguagem escrita construída a partir da associação de imagens e textos.

3.2 Contexto de Cultura

Antes de evidenciarmos nossas considerações sobre o contexto de cultura do gênero caricatura, cabe aqui apresentarmos a sua EPG completa, que pode ser assim descrita (Imagem 1):

$$P_* \wedge NC_* \wedge (C) \wedge (CdaN) \wedge (F-C) \wedge (Rq) \wedge (Cen) \wedge (DD) \wedge Aau_*$$

(Imagem 1 – EPG do gênero caricatura)

Onde (Imagem 2):

EPG da Caricatura: Estágios Obrigatórios	EPG da Caricatura: Estágios Opcionais
Nomeação do Caricaturado (NC) Assinatura Autoral (Aau) Personalidade (P_) Estilo (Et) Enquadramento (Enq) Plano de Visão (Plv) Tempo (Tem)	Cartunização da Nomeação (CdaN) Frase-comentário (F-C) Dedicatória (DD) Data (Dt) Local (Lc) Dedicatória (Dd) Requadro (Rq) Cenário (Cen) Cor (C)
	EPG da Caricatura: Estágios Recursivos

(Imagem 2 – Siglas da EPG e delimitação de estágios)

3.2.1- Estágios Obrigatórios

3.2.1.2- Personalidade

O objetivo deste estágio é servir de objeto para descrição imagética. Dentre as suas características temos que esta: (i) É identificada socialmente como uma pessoa real, portanto não fictícia, que por alguma razão – seja em função de sua atuação profissional na música, artes, letras, política, religião ou ensino – é considerado(a) como uma pessoa pública¹⁷ (Fig. 4); (ii) Surge de modo cartunizado, geralmente em tom opinativo/crônico; (iii) “Para Cagnin (1975), os personagens podem ser desenhados de maneira *realista, estilizada ou caricata*” (RAMOS, 2009, p. 122). Ramos (2009, p. 123) ainda indica o traço hiper-realista – “São desenhos feitos a óleo, alguns baseados em modelos vivos” (RAMOS, 2009, p. 122). Aqui Mendez utiliza-se de um traço realista, com algumas distorções;

¹⁷ Entendemos aqui pessoa pública como define a área jurídica: “entende-se por pessoa pública aquela que se dedica à vida pública ou que a ela está ligada; esse conceito engloba também os que exercem cargos políticos ou cuja atuação dependa do reconhecimento das pessoas ou a elas seja voltado, mesmo para lazer ou entretenimento, independente do lucro ou caráter eminentemente social. Dentre as pessoas públicas, tem-se as celebridades, políticos, socialites, esportistas, artistas, modelos e demais pessoas notórias” (SILVA JUNIOR, 2002, *apud* MARIZ, 2010, p. 2-3).



(Fig. 4 – Personalidade)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 150, 82, 69, p. 121)

(iv) É sempre retratada de forma individual. Pode surgir, entretanto, em um mesmo gênero, duas personalidades principalmente quando apresentam um grau de afinidade familiar ou afetiva significativa de forma que uma das personalidades não pode ser identificada sem a outra (Fig. 5); (v) É construído por planos de visão específicos que tendem a destacar características físicas ou psicológicas da personalidade retratada (porte físico: atlético, gordo, magro; ações; familiares; vestimentas, objetos, animais, etc.); (vi) É construído sempre por um ângulo de visão médio¹⁸ que “Segundo Vergueiro (2006), a ‘cena é observada como se ocorresse à altura dos olhos do leitor’. A maioria das figuras apresentadas neste capítulo utiliza esse recurso” (RAMOS, 2009, p. 142). Aqui nos parece que, na descrição da personalidade, o cartunista não procura relacioná-la hierarquicamente com o leitor; (vii) Surge em apenas uma vinheta, o que demarca, portanto, o tempo presente de sua retratação. Essa vinheta pode ou não ser marcada pelo estágio opcional da caricatura requadro; (viii) Pode vir associada ao estágio opcional da caricatura cenário.



(Fig. 5 – Retratação de duas personalidades em uma mesma caricatura)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 147)

¹⁸ Ângulos de visão – “Ângulo de visão ‘é o ponto a partir do qual a ação é observada’, como diz Acevedo (1990)” (RAMOS, 2009, p. 143).

3.2.1.2- Nomeação do caricaturado

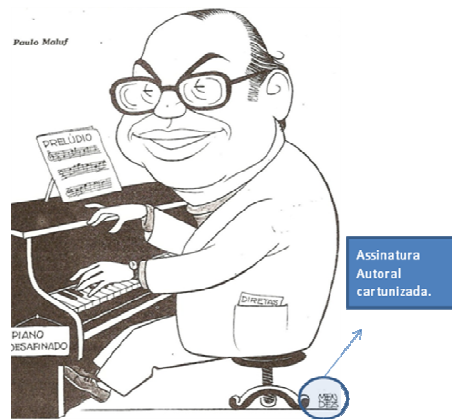
O objetivo deste estágio é possibilitar ao leitor a identificação imediata da personalidade retratada. Dentre suas características, podemos dizer que: (i) Normalmente é o nome ou apelido do caricaturado que aparece escrito de maneira cursiva e na parte superior da caricatura, seja do lado direito ou do lado esquerdo (Fig. 2). Entretanto parece que o local de surgimento dessa nomeação não possui uma localização definida, uma vez que pode surgir também na parte inferior da caricatura ou no centro; (ii) Pode receber os elementos opcionais: a) frase-comentário que explique – ou satirize – quem é a personalidade retratada, ou o que ela faz ou pensa; e b) cartunização; (iii) A nomeação da personalidade pode ser considerada como um título para a caricatura, que por vezes terá um subtítulo, ou melhor dizendo frase-comentário; (iv) Ela pode ser finalizada por ponto final ou não; isso, entretanto, parece não trazer qualquer significado especial para a caricatura.



(Fig. 2 – Nomeação do caricaturado)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 91, 121)

3.2.1.3- Assinatura Autoral

O objetivo deste estágio (Fig. 3) é demarcar a autoria da caricatura. Dentre as características da Assinatura Autoral temos que esta: (i) Surge cartunizada de modo característico; (ii) Não possui um lugar fixo de aparecimento. Entretanto há uma certa recorrência embaixo, à direita; (iii) Pode receber os elementos opcionais a) data (ano) e local e b) despedida ou dedicatória.

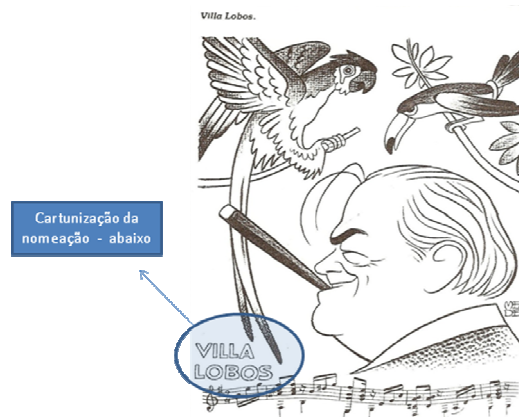


(Fig. 3 – Assinatura Autoral)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 139)

3.2.2- Estágios Opcionais

3.2.2.1- Cartunização da nomeação

O objetivo deste estágio é indicar características singelas da personalidade retratada ao transformar o seu nome em idéia (cartum) (Cf. MCCLOUD, 1995). Dentre as características deste estágio temos que este: (i) Surge vinculado ao elemento obrigatório “Nomeação do Caricaturado.” (Pode excluí-lo ou não); (ii) Posiciona-se acima ou abaixo da personalidade descrita. Entretanto, parece não haver um local fixo de surgimento (Fig. 6).

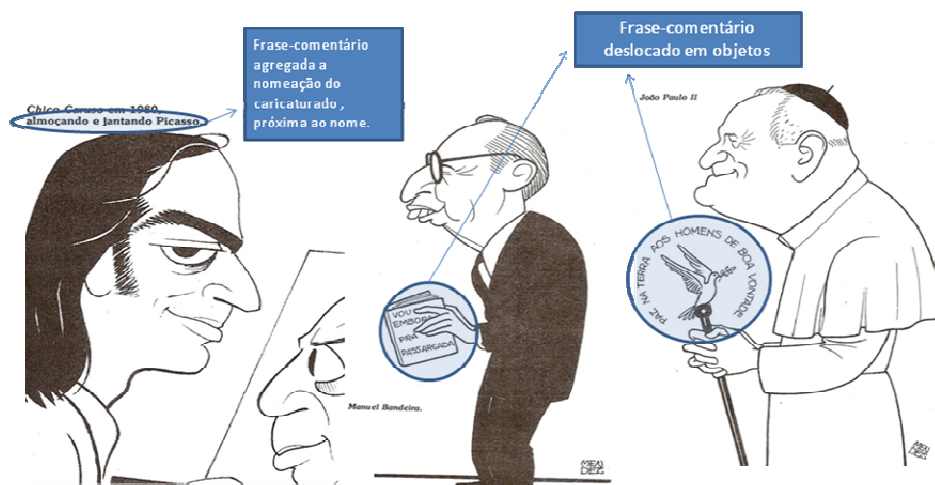


(Fig. 6 – Cartunização da nomeação)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 76)

3.2.2.2- Frase-comentário

O objetivo deste estágio é explicar ou satirizar a personalidade retratada, mostrando o que ela faz ou pensa (Fig. 7). Dentre as características deste estágio temos que este: (i) Surge

vinculada ao elemento obrigatório “Nomeação do Caricaturado.” Sua posição é próxima a este elemento. Entretanto, pode surgir deslocado do item em questão ao ser vinculado a algum objeto ou outro personagem; (ii) É por si só curta. Pode ser constituída de uma única palavra. Mas, é ainda assim um texto; (iii) Apresenta informações sobre a personalidade retratada que ainda não foram desenhadas. Possivelmente o leitor não conhece tais informações; (iv) As informações retratadas podem ser descritivas (com o uso de datas e outros) ou opinativas (com o uso de ironias ou questões). De qualquer forma, por meio dessa frase-comentário, o autor manifesta – ainda que sutilmente – a sua posição/opinião sobre a personalidade retratada; (v) Ocupa o lugar do balão, da onomatopéia e das linhas ou traços. Vale lembrar que tais estruturas não se apresentam no gênero, pois elas sinalizam uma ação narrativa; na caricatura não há narração, mas descrição; (vi) Pode vir associada ao elemento opcional “cenário”.

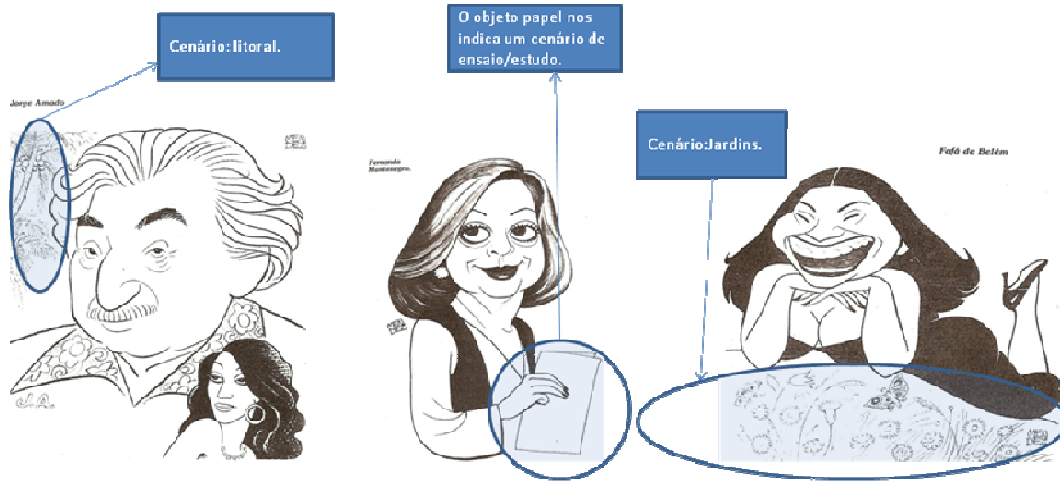


(Fig. 7 – Frase-comentário)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 51, 69, 107)

3.2.2.3- Cenário

O objetivo deste estágio é colaborar na identificação da personalidade retratada. Dentre as características deste estágio temos que este: (i) Surge vinculado ao elemento obrigatório *Personalidade*; (ii) Surge ao fundo da personalidade retratada, porém de maneira bem singela. Pode ser uma paisagem, alguns objetos em um fundo branco, ou até mesmo animais ou pessoas. Vale lembrar que o uso de um único objeto também sugere ao leitor um certo cenário, ainda que inferível (Fig. 8); (iii) Parece surgir somente quando a personalidade retratada possui uma grande vinculação com o espaço físico descrito. Essa vinculação pode

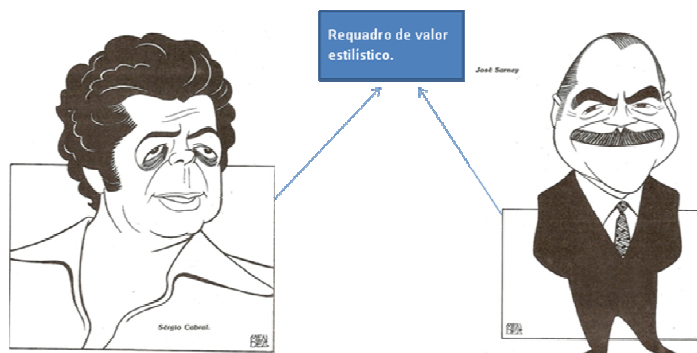
ser afetiva, profissional ou pessoal; (iv) Pode apresentar sons do ambiente, tal como canto de pássaros, música ou outro.



(Fig. 8 – Cenário)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 109, 82, 91)

3.2.2.4- Requadro

O objetivo deste estágio é funcionar como um recurso estilístico. Dentre as características deste estágio temos que: (i) Aqui o requadro não é visto como um recurso narrativo, como propõe Eisner (1999); (ii) Não agrega valor narrativo a personalidade retratada: como valores emotivos ou estruturais. Nos parece apenas ser usado como um recurso estilístico¹⁹ (Fig. 9); (iii) Para marcar a sua não vinculação à narração, o requadro sempre surge de forma estourada – onde a personalidade retratada é descrita além das linhas do requadro.

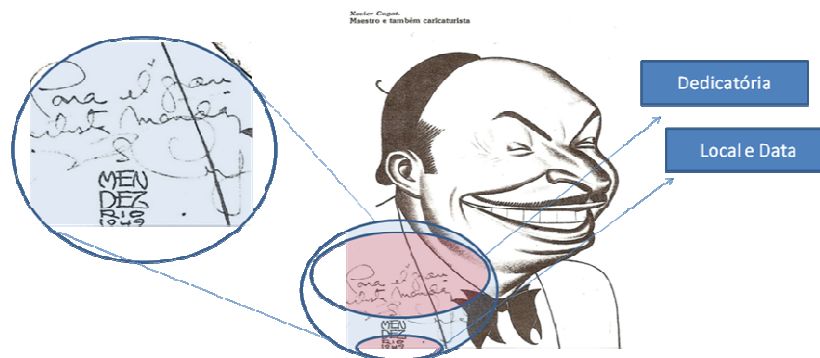


(Fig. 9 – Requadro)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 85, 121)

¹⁹ O mesmo podemos dizer do uso de linhas e traços.

3.2.2.5- Dedicatória

O objetivo deste estágio (Fig. 10) é indicar ao leitor que aquela caricatura foi direcionada à alguém – seja como forma de presente ou outro. Dentre as suas características temos que este: (i) Surge próxima ao estágio obrigatório da caricatura *Assinatura Autoral*; (ii) Pode ser composto por data, que indica o ano ou mês de produção da caricatura; local, que indica onde a caricatura foi produzida; e dedicatória, que consiste em um texto afetivo, breve, que se destina a uma pessoa em particular; (iii) Os elementos descritos acima podem surgir todos juntos ou separados.



(Fig. 10 – Dedicatória)
(Fonte: MENDEZ, 1986, p. 105)

3.2.2.6- Cor

O objetivo deste estágio é ressaltar aspectos da personalidade ou do cenário. Dentre as características deste estágio, temos que: (i) “A cor é um elemento que compõe a linguagem dos quadrinhos, mesmo nas histórias em preto-e-branco. O uso de duas cores, a preta e a branca, vem desde o início dos quadrinhos e permanece até hoje, por limitação de recursos tecnológicos, por economia de custos (caso de muitos jornais pequenos do interior do Brasil) ou por pura opção estilística” (RAMOS, 2009, p. 84). Aqui a cor parece condicionada a economia de gastos; (ii) Pode ser realizada por computador, o que nos sugere muitas significações pela gradação ou composição de cores (Cf. RAMOS, 2009, p. 84); (iii) O uso da cor aproxima o relato do plano do real (Cf. MCCLOUD, 1995).

3.2.3- Estágios Recursivos

Em nosso corpus de pesquisa não constatamos a presença de estágios recursivos, pois seu contexto de situação (campo: que busca descrever) parece não necessitar de tais estágios. Buscando descrever uma personalidade pública, a caricatura então procura não utilizar elementos típicos da ação de contar fatos, como o *balão*, a *onomatopéia*, e as *linhas e traços*²⁰ (ou até mesmo legendas) – por sua vez essa função parece ser realizada (quando for o caso) pelo estágio opcional frase-comentário.

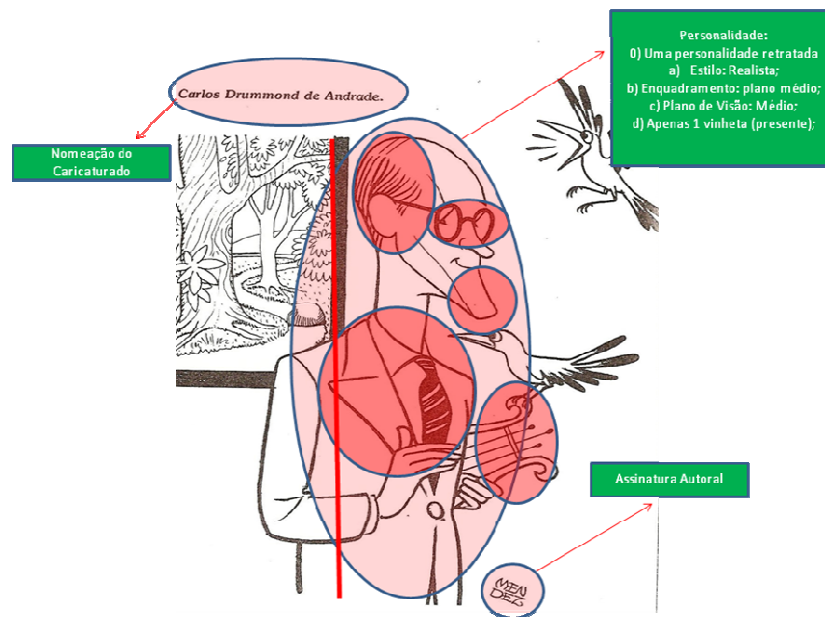
Realizada a exposição da Estrutura Potencial do Gênero (EPG) caricatura, seus estágios obrigatórios, opcionais e recursivos, passaremos, na seção final, a nossas considerações finais sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa exposição pudemos observar como se configura o gênero caricatura, fato antes nunca evidenciado com clareza pelos analistas de gêneros. Pautados no aporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (HASAN, 1989, 2005), configuramos a Estrutura Potencial do Gênero (EPG), da análise do registro para a eleição dos estágios obrigatórios, opcionais e recursivos.

Concluimos que a caricatura, em nosso *corpus* de estudo, possui como variáveis de registro: (a) *campo*, descrição imagética subjetiva de uma personalidade; (b) *relação*, autor (cartunista) *versus* leitor; e (c) *modo*, linguagem escrita construída a partir da associação de imagens e textos (escrito/multimodal). Do registro, portanto, emerge uma Configuração Contextual (CC) que é expressa verbalmente pelos seguintes estágios obrigatórios (Fig. 11): (a) *nomeação do caricaturado*; (b) *assinatura autoral* e (c) *personalidade*.

²⁰ Claro que em um outro contexto de situação isso poderá ser possível, quando por exemplo uma personalidade pública possui um bordão que o caracteriza. Nesse caso, a caricatura poderá apresentar um balão-fala retratando tal frase típica.



(Fig. 11 – A configuração do gênero caricatura)

É dessa forma, portanto, que a perspectiva sistêmico-funcional de Hasan (1989) busca instrumentalizar a noção de gênero: do registro emergem valores específicos (Configuração Contextual) que se expressam verbalmente por meio de estágios (opcionais e recursivos), em especial os obrigatórios que definem o gênero.

Cabe salientar que é do campo que emergem os estágios obrigatórios, e da relação e do modo que emergem os estágios opcionais e recursivos. Dessa forma, pautados no aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, podemos dizer que no contexto de situação aqui configurado a caricatura *sempre deve* apresentar os estágios obrigatórios supra-citados²¹. Indicamos ainda que o desaparecimento de um desses estágios obrigatórios, ou outro, como o opcional ou o recursivo, ou até mesmo o surgimento de estágios obrigatórios, opcionais ou recursivos, pode estar vinculado à relação do gênero caricatura com o seu suporte (Cf. SIMÕES, 2010).

Por fim, cabe dizer que a configuração de gêneros, sejam eles quais forem, tem se constituído em instrumento discursivo relevante nas práticas didáticas do ensino de língua materna, uma vez que a exposição de uma configuração de gêneros em sala de aula evidencia o comportamento social e discursivo desse gênero. Evidenciar esse comportamento, portanto, é fazer o aluno se desprender do estudo da forma dos textos e começar a perceber o processo de construção discursiva e textual do gênero em foco. Dessa forma, ao levar as configurações

²¹ Vale salientar que a EPG da caricatura aqui configurada pode não ser definitiva, uma vez que analisamos somente um único autor. Cabe, portanto, novos estudos sobre o tema em outros autores e circunstâncias a fim de validar as conclusões aqui apresentadas.

para sala de aula, os alunos perceberão o que *deve* ter uma caricatura, por exemplo, para ser o gênero caricatura. Descobrirão também por que esses elementos definem uma caricatura enquanto caricatura, e, perceberão, por fim, como produzir e ler, de forma otimizada, tal texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, A. C. S. **A notícia esportiva em foco: uma análise estrutural e pragmática do gênero.** Dissertação de Mestrado, LAEL – PUC-SP: 2005.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L; MELLO, R. (org.). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso.** Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG: 2004. P.13-41.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics.** London: Pinter Publishers, 1994. p. 25-80.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial.** Tradução Luíza Carlos Borges. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à lingüística sistêmico-funcional. In: **Revista Matraca.** Rio de Janeiro, v.16, nº 24, jan/jun, 2009. p. 13-47.

HALLIDAY, M. A. K. Parte A. In: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. 1989. **Language, context and text: aspectos of language in a social-semiotic perspective.** Oxford/Oxford University press: 3-49.

HASAN, R. Language and society in a systemic funcional perspective. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. **Continuing Discourse on Language.** London: Equinox Publishing LTD, 2005. p. 55-78.

HASAN, R. The structure of a text; the identity of text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University press, 1989. p. 52-73.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos.** Tradução Hélcio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENDEZ, M. **Caricaturas e caricaturados.** [S.I]: Editora, Tecnoprint S.A, 1986.

MARIZ, P. J. **A tutela do direito à imagem da pessoa pública.** Disponível em: www.portalmultipla.com.br/i/f/%7BBA3F55A7-4BEB-48DE-9960-9C5C7E80D4C5%7D_Priscylla_Just.pdf . Acesso em: 12 Maio 2010.

PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ministério da Educação - MEC, 1998.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, E. C. F. **A estruturação genérica e as escolhas léxico-gramaticais das introduções de mestrado na área de Linguística Aplicada.** Dissertação de Mestrado, LAEL – PUC-SP: 2004.

SIMÕES, A. C. **A configuração de gêneros multimodais:** um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura. Dissertação de mestrado, DLA – UFV: 2010.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos uma alfabetização necessária. In: BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-64.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P. Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.

VIAN JR, O. Gêneros discursivos e conhecimento sobre gêneros no planejamento de um curso de português instrumental para ciências contábeis. In: **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, set./dez, 2006. p. 389-411.

VIAN JR, O; MOREIRA-FERREIRA, M. C. **Gêneros do discurso em transformação:** um estudo comparativo da estrutura potencial dos gêneros diário e blog sob a perspectiva sistêmico-funcional. In: *The Specialist*, vol. 28, nº 2 (117-136) 2007. Disponível em: < http://www.corpuslg.org/journals/the_especialist/issues/28_2_2007/ARTIGO1_VIANJR&MOREIRA-FERREIRA.pdf >. Acesso em: 8 Mar. 2010.

VIAN JR., O; IKEDA, S. N. O ensino do gênero resenha pela abordagem sistêmico-funcional na formação de professores. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.12, n.1: jan./jun, 2009. p. 13-32.

VIAN JR, O. **Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais.** .Dissertação de mestrado, LAEL – PUC-SP: 1997.

VIAN JR, O. **Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas.** In: *Revistas Linguagem em (Dis)curso*, vol. 9, nº 2, Mai/Set, 2009. Disponível em: < <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0902/07.htm> >. Acesso em: 8 Mar. 2010.